



NÚCLEO BANDEIRANTE

RESTA POUCO OU QUASE NADA DA HISTÓRIA DO LUGAR QUE, HÁ 43 ANOS, ABRIGOU A LEVA DE CANDANGOS QUE VEIO CONSTRUIR BRASÍLIA. OS 31 MIL MORADORES USUFRUEM DA TRANQUILIDADE INCOMUM, SE COMPARADA A OUTRAS CIDADES DO DISTRITO FEDERAL

UMA CIDADE AINDA LIVRE

Kátia Marsicano
Da equipe do **Correio**

Quem passa pelo Núcleo Bandeirante nem imagina, mas essa é uma cidade que não deveria existir. A histórica Cidade Livre, que abrigou tantos pioneiros que vieram ajudar na construção de Brasília, tinha os dias contados: a pequena vila de madeira seria demolida em quatro anos, assim que a capital estivesse pronta. Mas, ninguém quis ir embora e hoje a memória da cidade pode ser reconstituída em cada esquina — não pelas construções de pinho que já não existem, mas pela lembrança de gente que lá viveu os últimos 43 anos.

Habituar-se àquele canto de Distrito Federal, às margens da Estrada Parque Núcleo Bandeirante (EPNB), por onde passam pelo menos 30 mil veículos por dia, vindos de Samambaia, Recanto das Emas, Park Way, Riacho Fundo e outros estados do País. São elas que hoje a definem como uma doce cidadezinha de interior, de 82 km² (apenas 1,7 km² fica em área urbana) e pouco mais de 31 mil habitantes. Lá, o sino da igreja ainda toca ao meio-dia.

Apesar de a região administrativa do Bandeirante (como é chamada pelos moradores) incluir 29 quadras do Setor de Mansões Park Way, nove colônias agrícolas, a Divinéia, a Metropolitana e os Setores Industrial Placa da Mercedes e Industrial Bernardo Sayão, a zona urbana pode ser resumida em quatro avenidas. Para encontrar endereços é muito simples — ao contrário de Samambaia, Ceilândia ou mesmo o vizinho Guará com o qual está ligado apenas por uma pista (aquela que passa em frente ao Lar dos Velhinhos Maria de Madalena).

No "miolo" do Bandeirante — a 13,3 km do Plano Piloto — ficam a 2ª Avenida, a Avenida Central, a 3ª Avenida e a Avenida Contorno, onde está a maior concentração de oficinas mecânicas e auto-peças por metro quadrado da cidade. Ao final dela, há 26 anos funciona a feira permanente, endereço certo da verdura fresquinha, dos temperos, do fumo de rolo, do mel puro, do peixe e da galinha caipira, mas tem até alguilar de todos os tamanhos e imagem de santo.

Para qualquer tipo de dor, o endereço é a banca da dona Maria Sabino, a paraibana do sertão de Piancó, 74 anos. É uma das mais antigas do lugar. Enfrentou nove dias de viagem em boléia de caminhão até a Cidade Livre, em 1959. Veio com o marido Chico Cirino e cinco filhos, e morou num cabaré. "Não tinha outro canto. Tive que me instalar com menino e tudo."

E foi ficando até hoje, na mesma vidinha. Vende espinheira santa para gastrite, imburana e



QUANDO CHEGOU À CIDADE LIVRE EM 1959, DONA MARIA SABINO FOI MORAR NO CABARÉ COM O MARIDO E OS CINCO FILHOS: "NÃO TINHA OUTRO CANTO"

buchinha para sinusite e muito mais. Na feira, também tem caldinho. De mocotó, feijão e mandioca. Às 7h, quando Maria Lúcia chega para trabalhar já tem gente esperando o caldo para curar a ressaca. E assim tem sido pelos menos nos últimos 15 anos.

Falar sobre o Núcleo Bandeirante sem falar em padre Roque Valiati Batista é deixar em branco

a religiosidade dos moradores. Padre Roque, que chegou à então Cidade Livre em 1957, ajudou a construir com as próprias mãos a Paróquia São João Bosco, a mais antiga da cidade. Vítima de um tumor no cérebro, morreu dia 15 de junho de 1994, aos 76 anos de idade, e hoje é tratado como um santo. O mausoléu fica atrás do altar da igreja, onde também es-

tão guardados num relicário os inseparáveis óculos, o relógio e a batina, recortes de jornal, fotos e documentos pessoais.

"Padre Roque, por favor, ajude a minha filha", reza em voz alta a mulher de olhos fechados e ajoelhada em contrição. Não quer conversar, mas a sua presença e seus pedidos diante do túmulo do padre dispensam maiores ex-

plicações. Tem fé que suas preces serão atendidas.

HAJA HOTEL!

St. Mortiz, Olinda, O Líder, Olanda, Europa, Lord's, Max, Buriti, Bandeirantes, Link e por aí vai. Esses são apenas alguns dos vários hotéis espalhados pela cidade inteira,

que chega a surpreender pela quantidade de opções. Afinal, para que tudo isso? Há hóspedes para tantos quartos? "Acho que desde a época dos pioneiros, que não tinham onde ficar, a tradição acabou pegando", diz a funcionária Maria Júlia Pereira de Souza, do Hotel O Líder.

Grandes ou pequenos, quase todos seguem o estilo simples e barato, sem discriminação de clientela. Estão distribuídos em todas as avenidas: na Central, na 2ª e na 3ª. Só na Central, são quatro: um ao lado do outro. Alguns sequer oferecem café da manhã. Por um pernoite, cobra-se em média R\$ 20,00. Mas também tem apart hotel, com mais conforto, por R\$ 36,00.

Na cidade inteira, são 14. A alta rotatividade parece não incomodar tanto. "É só não ter escândalo. Tem que se comportar", comenta o gerente de um deles. Nesse ramo, no entanto, a fama está do outro lado da EPNB, no Setor de Postos e Motéis. É lá que ficam boa parte dos motéis de Brasília, inclusive alguns dos mais caros.

SEGURA, SIM

Para os moradores do Núcleo Bandeirante, uma das principais vantagens de morar lá é a segurança. As pessoas se dizem tranquilas para sair às ruas a qualquer hora, sem os medos que assombram outras cidades do Distrito Federal. Poucos são os que têm uma história policial para contar.

"Isso aqui para mim é como uma cidade do interior de tão calminha", diz a enfermeira aposentada Darcil Alves, 55 anos. Ex-moradora do Cruzeiro, conta que nunca viu nenhuma cena de violência na cidade.

Para a polícia, no entanto, não é bem assim. A cidade é tranquila, em termos. Se são raros os crimes como homicídios, estupro e os tiroteios frequentes em outros lugares, na boa e velha Cidade Livre a preferência dos bandidos é pelos furtos de veículos, em comércio e postos de gasolina. A média de furtos de veículos é de três a cada dia — um número considerado alto. Em todo DF, a média é de 16 carros roubados.

Mas, mesmo assim, comparada a outras cidades, os moradores que acham o Núcleo Bandeirante pacato estão certos. Dados da Secretaria de Segurança Pública, relativos a ocorrências policiais por região administrativa, entre os primeiros quatro meses de 1999 e 2000, revelam que a cidade teve uma redução de 13,14% no total de registros. Aliás, foi a maior redução do DF. Em Planaltina, por exemplo, entre um ano e outro, as ocorrências caíram 7,72%, em Sobradinho 8,31% e em Santa Maria, 1,81%.